

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 21 Janeiro 2015

Texto de referência: L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Verbo, 2004, pp. 7-18.

- *Zamba de mi speranza*
- *My song is love unknown*
- *Liberazione n. 2*

Glória

Começamos o nosso trabalho sobre o novo texto da Escola de Comunidade, *Porquê a Igreja*. Logo desde a primeira página do primeiro capítulo aparece com toda a clareza a preocupação de *don* Giussani, que é totalmente adequada àquilo que estamos a dizer, porque nós estamos num momento do percurso histórico em que vemos acontecer aquilo a que chamámos, com o Papa Bento XVI, o desmoronar das evidências: aquilo que há algum tempo, não muito, era evidente para todos, reconhecido por todos, hoje desmoronou-se. A tentativa iluminista que as evidências nascidas com o cristianismo pudessem permanecer prescindindo dele, faliu irremediavelmente. É surpreendente que *don* Giussani já tivesse esta preocupação com essas evidências há tanto tempo – não basta a existência do facto para que seja reconhecido. E de facto, o ponto de partida do capítulo é o reconhecimento de um facto: «A Igreja não é somente expressão de vida, qualquer coisa que nasce da vida, mas é uma vida». De imediato reconhece que sobre este facto podem existir opiniões diversas, isso não lhe é estranho e afirma: «Quem se dispuser a verificar uma opinião pessoal sobre a Igreja [quem quisesse verificar se a própria opinião é verdadeira ou não] deve ter presente que, para a compreensão real de uma vida [essa é a preocupação - que se possa perceber a vida que é a Igreja], é necessária uma convivência adequada.» Ele sabe muitíssimo bem que não é a mesma coisa afirmar que é uma vida e que essa vida seja percebida, porque entre a evidência da realidade e a inteligência da realidade há sempre um caminho a percorrer. Por isso diz novamente: «*Conditio sine qua non* para a compreensão da vida é a *convivência* com ela» (p.13). Ou seja, *don* Giussani está bem consciente que o homem tem necessidade de qualquer coisa para perceber, para compreender o que tem diante e o seu objetivo educativo é que cada um possa chegar a um juízo crítico objetivo. Não quer instrumentalizar-nos, não quer “ser dono” do nosso cérebro, quer que cada um possa chegar a um juízo crítico objetivo. E qual é o ponto de que parte para nos ajudar a perceber? O menos discutível de todos, até entre aqueles que poderiam pôr em discussão a Igreja, todos estariam de acordo em aceitar que a Igreja é «um fenómeno religioso». Não se detém nos pormenores, parte simplesmente da coisa que todos podem reconhecer mais facilmente. Como se pode conhecer este fenómeno religioso? *Don* Giussani apela a um critério do conhecimento geral: «O homem [...] só encontra [reconhece] aquilo que, de alguma forma se liga com alguma coisa já presente nele». Este é o instrumento que temos para conhecer qualquer coisa. Dá o exemplo de Dante ou de Shakespear – mas podemos aplicá-lo a um filme, um romance ou um poema, um diálogo com um amigo, é indiferente -: nós podemos entrar em relação com qualquer coisa, podemos estar em sintonia com o que nos é dito se aquilo que nos é dito se liga a alguma coisa que já está presente de alguma maneira em nós. Então, se a Igreja é um fenómeno religioso, uma realidade religiosa, só se o aspeto religioso estiver ativado em nós se poderá perceber o fenómeno que é a Igreja. Se, pelo contrário, não estiver ativado ou estiver retido, se a uma certa altura da evolução de uma pessoa, tiver sido bloqueado, «será mais difícil poder julgar objetiva e criticamente aquele facto religioso», ou seja, conhecê-lo. Sinteticamente diz: «Deve existir uma correspondência para que se produza a compreensão» (p. 14). A nós estas coisas parecem-nos já sabidas, no entanto, não são aquilo que mais imediatamente nos preocupa. Pelo contrário, para Giussani isto é tão crucial que diz que tantas das dificuldades que depois encontramos ao longo da estrada têm a sua origem exatamente aqui: a dificuldade em enfrentar uma realidade de tipo

religioso está na ausência de educação do sentido religioso. Sem educação do sentido religioso é impossível entrar em sintonia com aquele fenômeno e por isso sentimos como «distantes de nós», diz ele, «realidades que, no entanto, estão enraizadas na nossa carne e no nosso espírito». Por isso, tendo de trabalhar sobre o *Porquê a Igreja* durante pelo menos um ano ou dois, não devemos perder de vista este convite de don Giussani, se queremos compreender esta realidade, se não queremos ter uma compreensão reduzida ou abstrata: porque aquilo que é preciso perceber é uma vida e não um livro. É preciso perceber uma vida! E se isto ainda não fosse claro, sublinha que «a primeira dificuldade em encarar a Igreja é uma dificuldade de interpretação», isto é, um problema de conhecimento. Se, independentemente da ligação com a Escola de Comunidade, alguém nos tivesse perguntado: «Para ti, qual é a maior dificuldade em perceber a Igreja?», quem teria dito que é uma dificuldade de compreensão? E a nós acontece-nos o mesmo que acontece a quem não faz Escola de Comunidade. Esta dificuldade é «provocada por uma situação não evoluída do sentido religioso» (p. 15). E diz – atenção, Giussani está tão consciente do percurso humano que cada um de nós deve percorrer que nos dá todos os instrumentos – que a primeira dificuldade não é ética (ou seja não diz respeito às dificuldades que temos na vida, não diz respeito aos escândalos que podem acontecer na Igreja); não, não e não: é um problema de conhecimento. Mas isto para nós quase não conta. E por isso insiste ainda: «os erros mais graves em todos os percursos do homem têm sempre origem na raiz da questão» (p. 16). E qual é para ele a raiz da questão? Que falta a educação ao sentido religioso, porque só um sentido religioso educado pode ser «fermento insubstituível de uma progressão razoável» da nossa capacidade de conhecer. Pelo contrário, um sentido religioso deseducado é «um obstáculo em cada etapa do caminho». Por isso, mais tarde, nós tantas vezes nos encontramos diante do “obstáculo” e nos distraímos com outras coisas sem perceber que a origem do obstáculo está precisamente aqui. Por conseguinte, o que é don Giussani faz? «Tendo chegado à última etapa do nosso «PerCurso», ao *Porquê a Igreja*, volta ao ponto de partida, ou seja ao primeiro capítulo do *Sentido religioso*, onde se diz qual o critério de juízo: a experiência elementar, o sentido religioso, com o qual podemos ajuizar o fenômeno da Igreja. E assim, tendo esta educação, podemos surpreender em nós aquela correspondência que nos faz perceber o porquê. «Tal correspondência – insisto [como se pensasse em cada um de nós hoje, que estamos um pouco reticentes a reconhecer a dimensão do evento] – revela-se no interior de um sentido religioso vivo e por isso só é favorecida através de uma educação permanente de tal sentido religioso» (p. 17). Por isto, fazendo o trabalho da Escola de Comunidade, pelas perguntas que chegaram percebe-se que foram diretos ao cerne da questão: como educar para o sentido religioso?

A pergunta é mesmo esta. Visto que a falta de educação do sentido religioso natural nos leva muito facilmente a sertir-mo-nos longe das realidades, como se faz para educar o sentido religioso? Porque muitas vezes dou por adquirido quer a sensibilidade do sentido religioso (porque penso estar pronto e logo capaz) quer que a Igreja seja a resposta a este sentido religioso.

Tens alguma ideia- depois de anos que estudamos o sentido religioso, depois de anos que estudamos a pretensão crista, e agora a Igreja - tens alguma sugestão?

Seguir o movimento.

Obrigado.

Como é que se pode educar constantemente este sentido religioso dentro do quotidiano da vida? Dei-me conta que não quero viver de um significado que inconscientemente decido eu, que inevitavelmente esta presente, mas que depois não se revela estar à altura. Não quero ser enganada porque durante o dia vivi com uma consciência pouco viva do meu desejo de significado. Quero poder senti-lo sempre conscientemente na carne, porque depois de um dia no qual não tive vivo este sentido religioso a melancolia apreende-me, sinto-a de uma forma muito viva em mim. Mas na realidade isto dá-me força, e torna as primeiras páginas do texto que estamos a ler imprescindíveis, interessantes e muito promissoras.

E daquilo que dizes amiga, só daquilo que disseste, como é que no quotidiano da vida tu és educada para o sentido religioso? Do que disseste! Disseste qualquer coisa que tem a ver com o sentido religioso?

Ou seja...

Quando a melancolia te apreende, isto é o sentido religioso ou não?

Sim.

A vida... Tu podes passar o dia como quiseres, mas no centro do quotidiano da vida emerge, à noite, a melancolia que te apreende. De onde nasce o sentido religioso? Como tu disseste e muito bem, da vida. Mas se nos não nos dermos conta disto, continuamos a fazer a pergunta: como educar-me constantemente ao sentido religioso? Simplesmente se tu reconheces o que emerge em ti. O sentido religioso não é fazer-se uma aula teórica sobre o sentido religioso. O sentido religioso é uma experiência: de tantas coisas, é esta melancolia que te apreende e que nasce da vida. Quanto mais a reconheces, mais partes daí Percebes? É esta a questão. O que é o sentido religioso? Para dizê-lo em duas linhas –a partir do capítulo V do *O Sentido Religioso* – o que é o sentido religioso? Leio: “O sentido religioso está dentro da realidade do nosso eu ao nível de [certas] perguntas: *coincide com aquele radical empenho do nosso eu com a vida, que se documente nestas perguntas*”(O *Sentido Religioso*, Verbo, Lisboa 2000, p. 67). Bastaria dar-se conta disto: educar-me ao sentido religioso é este empenho com a minha vida. Podes encontra-lo à noite, ou durante o dia, através do cansaço, através da nostalgia, através da solidão, através das perguntas que a vida faz nascer. O sentido religioso coincide com isto. Não é preciso fazermos sabe-se lá que coisa, é preciso viver intensamente o real! Este empenho do nosso eu com a vida é aquilo que devemos enfrentar. Façamos mais um passo: como despertar estas perguntas? Lembras-te como se despertam as perguntas do sentido religioso? Está pergunta lembra-te qualquer capítulo do livro?

Sim, no embate com a realidade.

No embate com a realidade. Capítulo X do *O Sentido Religioso*: “Como se despertam...”. É impossível – como vês – que a realidade não te redesperte as perguntas. As perguntas redespertam-se no embate com a realidade, os acontecimentos que acontecem têm a potência de despertar as perguntas, mesmo se nós estivermos parados. Uma pessoa pode estar distraída, mas à noite não pode evitar sentir toda esta nostalgia. E não é que recentemente não nos tenham sucedido acontecimentos que levaram ainda mais claramente à tona estas perguntas. Os acontecimentos mais recentes, como aqueles de Paris, têm qualquer coisa a ver com o redespertar deste nível da experiência humana? Bastaria que cada um de nós se consciencializa-se de qual foi o impacto que estes acontecimentos produziram em si. “Cada vez que acontecem estas coisas que abanam o mundo inteiro”, escreve uma pessoa, “sinto sempre para uma desproporção em comparação com a estrada que estou a percorrer [é impossível que não surjam as perguntas, um tipo de perguntas para as quais não basta uma resposta como aquela que às vezes procuramos]. Às vezes penso que o problema seja por não estar bem informada sobre os factos [como se eu conseguisse acabar com a natureza das perguntas apenas com uma informação mais precisa sobre os acontecimentos]. E talvez entre nós em comunidade não nos ajudamos e não nos provocamos a ter um olhar que seja endereçado ao todo, e bastantes vezes limitamo-nos as introspecções psicológicas, por vezes estereis [e surge então um desejo de perceber aquela pergunta última mais seriamente]. Os acontecimentos de Paris para mim foram cruciais para perceber se toda a experiência que faço desaba num acontecimento assim, ou me faz ficar de pé”. Muitas vezes diante destes desafios procuramos alguém que nos dê logo uma mão, estamos tão desorientados e perplexos que sentimos logo a necessidade de uma resposta. Mas isto mostra como um acontecimento assim impressionante gera um tipo de perguntas que urgem uma resposta.

A mim aconteceu-me o que disseste antes, ou seja que em geral para mim não é óbvio que me interesse pelo que acontece. Mas quando vi que todos os meus amigos ficavam incomodados, então comecei a informar-me e dei por mim um tanto desorientada diante de todas estas coisas, e procurei de imediato uma ajuda neles, uma ajuda com aquilo que dizia o Papa, fui procurar na

Internet se tu ou alguém tinha dito alguma coisa, porque percebia que era uma coisa importante, não queria que passasse por mim assim. Mas dei-me conta que faltava qualquer coisa, porque fui a um encontro com alguns miúdos que tinham feito um trabalho sobre os cristãos perseguidos no Médio Oriente e, no encontro indirecto com estas testemunhas, ocorreu-me perguntar-me: eles morrem por Cristo e eu cá o que faço da minha vida? Ou seja, renasceu-me a pergunta: quem é para mim Cristo, que para eles é tão concreto? E o que faltava, aquilo a que tinha feito um bypass, era a minha primeira reacção: que tinha ficado bloqueada e tinha de imediato procurado alguém que me tranquilizasse.

E qual é a diferença que vês entre ti que, no primeiro impacto, ficas bloqueada e o que ouviste daqueles cristãos? O que têm eles que tu não tens, ou o que falta a ti que eles têm?

A mim falta muitas vezes...

Porque tu ouves falar numa violência longínqua, mas eles sofrem-na na pele. Onde está a diferença? *Eu muitas vezes vivo a minha vida sentindo Cristo como uma coisa separada de mim. Enquanto para eles não é assim.*

E porém tu soubeste de Cristo, e porém está diante de ti, e porém encontraste-O.

Sim, encontrei-o, mas...

Precisamente. Não devemos ter medo de dizer estas coisas (como fizeste tu escrevendo-me e dizendo-o agora diante de todos), porque isto faz parte do caminho. É exactamente esta a nossa dificuldade. É Giussani que o diz: não basta «sabê-lo» para perceber o alcance do que encontramos.

Sim.

E então?

De facto impressionou-me que no fim do encontro a médica iraquiana que vive lá perguntou: «Mas na vossa opinião porque é que eles fazem estas coisas?». E um de nós respondeu: «Porque o consideram muito razoável». E ela respondeu: «Bom, mais que pelo facto de que é razoável, é porque eles ficaram totalmente fascinados pela pessoa de Cristo».

E por isso são razoáveis!

Sim, mas eu por uma ideia razoável não daria a vida.

A fé é razoável ou não? Há pessoas que, diante de factos tão chocantes que sofrem na sua vida, têm uma certeza que as consente de estar diante deles. Nós tantas vezes não. Diz ainda uma carta: «Diante dos factos de Paris, a consternação por aquilo que aconteceu, para mim, juntou-se a uma desorientação no tentar perceber e ajuizar. Recolher notícias dos meios de comunicação e discutir com os amigos e colegas alimentou a confusão. No fundo, mais concreta do que qualquer interpretação é a reacção de medo que me faz olhar para o que acontece como uma ameaça terrível. Por isso fui rever na *Vida de Don Giussani* como ele tinha reagido aos atentados do 11 de Setembro de 2001. Antes de mais impressionou-me o sublinhado da gravidade. Também eu estou consternada, mas a minha percepção é mais superficial [não é que uma pessoa se encontre diante dum facto e outra pessoa se encontre diante doutro facto, não, todos nos encontramos diante do mesmo facto, mas há quem esteja em condições de assimilá-lo e outros que ficam à superfície], enquanto que *don Giussani* afirma simultaneamente que tudo é sinal, que a última palavra da realidade é que é positiva, que a misericórdia de Deus é a maior palavra [como é que estas duas coisas são vividas em simultâneo?]. Se não percebo as razões pelas quais fala de positividade da realidade, posso até honrar o que diz, mas não se tornará um juízo meu [eis a questão: eu posso repetir o juízo que me dá outra pessoa, mas não será meu se não faço a experiência que fez ele], permanecerá mais concreto o medo». Posso repetir o juízo que outro me dá, mas o medo permanece, porque o medo vence-se com uma experiência, como veremos depois. «Então interroguei-me sobre os meus medos. Não quero que os homens morram, não quero que os meus amigos morram, não quero que sofram, não quero que a nossa contraditória civilização seja esmagada. E dou-me conta que por debaixo grita aquela última implicação, aquela aspiração inextirpável a que a vida se possa cumprir. É esta última implicação que as palavras de *don Giussani* fazem ressoar através dos meus medos, e as palavras de *don Giussani* tornam-se razoáveis porque são interceptadas por esta implicação última. Assim também se me clarificam as palavras do

segundo capítulo do *Porquê a Igreja*, “era uma realidade objectiva que educava a subjectividade do homem” (p.30). É uma presença histórica que tem influência sobre mim pondo em ressonância aquilo que sou, o meu fundo último, de modo que posso finalmente ultrapassar análises e reacções e começar a olhar e a reconhecer o que acontece. São os traços daquele rebento de que falavas no artigo de Natal no *Corriere della Sera*, citando don Giussani: «Verdadeiramente estamos na condição de ser [...] os primeiros daquela mudança profunda, daquela revolução profunda que nunca estará – digo: nunca – naquilo que de exterior, como realidade social, pretendemos que aconteça [...] não será nunca na cultura ou na vida da sociedade, se não é primeiro [...] em nós. [...] Se não começa entre nós [...] uma revolução de si, no conceber-se a si [...] sem preconceito, sem antes guardar qualquer coisa de lado» («Aquela aparente fragilidade que continua a interrogar-nos», *Corriere della Sera*, 22 de Dezembro 2014, p. 33). De facto, o que redespertou todas estas perguntas, toda esta confusão, toda esta nossa calma tranquila? Factos. A vida está sempre cheia de factos – graças a Deus não todos tão lúgubres como este – que nos redespertam de um modo ou de outro todas as perguntas. Uma pessoa faz-me ainda uma pergunta: «Porque deveria ser precisamente o cristianismo a resposta a este problema, como diz a Escola de Comunidade?». Esta é uma pergunta que deve ficar em aberto, porque aquilo que ao longo de todo o livro se nos propõe é exactamente a verificação disto, se verdadeiramente Cristo é a resposta a esta pergunta. O problema da Igreja é exactamente este: se eu posso atingir uma certeza objectiva de que verdadeiramente o cristianismo responde ao problema religioso. É uma hipótese a verificar. Não é que um outro possa responder por nós. As respostas que don Giussani dará podes lê-las no livro; mas mal acontece qualquer evento, se aquele juízo não é teu, ficarás perdido (como nos sentimos tantas vezes perdidos nestes dias). Esta hipótese a verificar é exactamente o percurso do *Porquê a Igreja*, que não é um livro a aprender e repetir, mas é um livro a viver para verificar se as perguntas que a vida coloca, as perguntas do sentido religioso, encontram uma resposta naquilo que a Igreja transmite e nos faz experimentar através da sua vida: Cristo, Cristo como resposta ao drama do viver.

Li na Internet um artigo sobre um fundamentalista que exortava a violar as mulheres cristãs e a decapitar os homens cristãos e em mim surgiu a seguinte pergunta: como é que o Senhor que diz amar-nos tanto (e pensava só em nós, cristãos) permite que alguém viva assim? Porque é que não o elimina com um estalar de dedos? Porque é que permite que mulheres e homens inocentes devam ser objecto de uma violência tão incrível, só porque pertencem a uma fé diferente?

Veem como no fundo a nossa reacção é tal e qual a mesma daqueles que criticamos? Da mesma natureza da que surgiu primeiro: uma reacção ditada pela acção de um outro. Onde está a diferença? *E quanto mais me fazia estas perguntas e tentava imaginar o sofrimento enorme destas pessoas que cada dia devem viver com o medo de ser objecto de violência e assassínios, tanto mais nascia em mim um escândalo por tudo o que estava a acontecer. Durante o dia continuei pois a fazer as coisas de todos os dias com esta pergunta que voltava e não me deixava tranquila. À noite fui à Missa e o padre comentando o Evangelho disse: «o Senhor enquanto criava cada um de nós tinha o olhar fixo em Jesus». Ouvindo esta afirmação voltou a surgir a pergunta que me perseguiu todo o dia: mas como é que é possível que tenha criado também aquele homem olhando para Jesus, aquele tipo que odeia tanto Cristo a ponto de matar quem O ama? Mas a homilia não ficou por ali. A certa altura o padre retomou as palavras do Evangelho acabado de ler: «E o Verbo fez-Se carne e veio habitar no meio de nós». Durante a leitura do Evangelho tinha ouvido esta frase como uma coisa ouvida e reouvida; mas quando a repetiu na homilia foi como uma bofetada, veio-me inesperadamente à cabeça o dia em que encontrei Cristo pela primeira vez na minha vida. E dei-me conta disto: também eu era como aquele homem, odiava tudo o que tivesse a ver com a fé, julgava-a uma coisa para fracos e denegria quantos tinham um credo, qualquer que ele fosse. E disse-me: «Quando Cristo decidiu inclinar-Se sobre ti eras o contrário de boa e piedosa, estavas cheia de maldade até ao miolo, nem sequer eras um dos Seus porque não eras baptizada! Mas isto não impediu Cristo de vir tomar-te para te amar cada dia da tua vida». E esta constatação, para além de revelar-me a verdade de mim e libertar-me do escândalo que me tinha acompanhado durante o*

dia fez-me experimentar piedade por aquele homem ao ponto de o confiar ao Senhor. Continuar a odiá-lo teria significado por de lado primeiro que tudo eu e toda a experiência que fiz de Cristo até agora. Até hoje julguei sempre como um acaso aquilo que Jesus diz aos seus discípulos: «Amai os vossos inimigos». Mas a partir de hoje, que fiz experiência disso, não posso mais julgá-lo impossível. É mesmo verdade que o que governa o meu coração é o amor de um Outro por mim, porque há muito tempo que não era assim tão livre. Quero mesmo agradecer-te pelo trabalho deste ano, pela insistência contínua em ir ao fundo de nós para poder estar perante todos os desafios da vida. Parece-me que o que me aconteceu é um exemplo disto: só tomando a sério o que acontece em mim quando me embato na realidade que me provoca, posso chegar ao coração das questões. Qualquer outro método deixa em mim suposições talvez boas e justas, mas estéreis.

Percebem? Podemos saber que o Verbo Se fez carne, mas aquilo que se impõe é outra reacção. Até que uma pessoa se dê conta de que coisa recebeu Dele. Mas isto tu não terias percebido em toda a sua densidade, com a qual nos disseste agora, se não tivesses sido redespertada e quase abanada por uma pergunta através da qual pudeste perceber a resposta que te era dita na homilia do padre (de outra forma terias ouvido a homilia como a ouvimos habitualmente...). Para poder perceber mesmo só uma migalha da verdade é necessário que se tenha uma pergunta. Isto é, é necessário que se tenha o sentido religioso desperto, de outra forma de tudo aquilo que nos é dito ficam só as palavras. Porque não é que não nos seja dito! Até mesmo repetir apenas algumas frases do Evangelho é suficiente para colher a dimensão da resposta que é Cristo. O problema é que, a maioria das vezes, faltando a pergunta, não percebemos nada. É esta a origem da questão, como diz Don Giussani, percebem? Não é culpa de uns ou de outros, não; é que nós não estamos em condições de perceber a resposta e por isso sentimos aquela «repugnância» de que fala o livro, uma repugnância que nos faz praticamente fugir. Mas o que é que vence esta repugnância?

Na última Escola de Comunidade puseste-nos defronte do facto de que sem viver o método que Giussani nos deu será impossível compreender a verdade e a pertinência do facto cristão. Ao iniciar este trabalho vivi isto. Segunda-feira na diaconia com os universitários voltei a ver em ti o fascínio sem equívocos da vida da Igreja, do acontecimento de Cristo que revive agora, porque há um homem que o aceita a partir da comparação contínua com o seu coração. Diante de ti que nos imobilizavas perguntando-nos: «O que é o Natal? O que é que o Natal tem a ver com o que aconteceu em França?», finalmente descansei.

Porque o Natal parecia não vos servir como resposta aos acontecimentos da França! Tínhamos necessidade de outra coisa. O Natal, que tínhamos acabado de celebrar, não tinha deixado traços para estar diante dos factos de Paris. Isto não se resolve fazendo mais um manifesto. Tive que insistir durante toda a diaconia para fazer surgir o nexo. Na desorientação por aquilo que sucedeu quantos perceberam um nexo qualquer com o Natal (que, não tenho dúvida, todos devotamente celebrámos)?

Na confusão total das horas precedentes finalmente os meus ouvidos e o meu coração chegavam com uma paciência incansável a uma relação com a verdade, extraídos da lama, e não com uma resposta, mas com uma pergunta. O que é o facto cristão para ti? Interessa-te? Porquê? Ao ouvir esta pergunta voltava a mim própria, dolorida pela minha distância, mas imensamente comovida. Experimentei que a vida da Igreja, que se manifesta numa carne diante de mim, como primeira coisa faz-me tornar a viver aquele nível que Giussani chama propriamente sentido religioso. Isto falta-me como constância, mas não tenho medo porque o lugar que mo dá existe. Até com a caritativa me acontece o mesmo. Que dádiva um lugar que volta a dar a consciência do destino do homem! Espantei-me imensamente em como Giussani me descrevia passo a passo neste primeiro capítulo, sobretudo quando fala da repugnância do homem a que o sentido religioso domine. É verdade que a ferida do pecado original é isto, porque é a ausência da pergunta que me impede de me deixar amar pelos Seus traços na realidade. Foi encontrar-me diante de ti segunda-feira que me despertou e me permitiu reempenhar-me com o sentido religioso e assim com o rapaz com que estou na caritativa. Agora percebo porque é que Giussani fala de convivência com a Igreja; sem

esta última o meu coração volta a ficar coberto de lama. Ver que existes tu que já consegues gozar desta maneira do facto de Cristo pelo empenho que vives com o teu coração, é repousante.

Aquilo que me surpreende, pensando nesta repugnância, é: como é que o filho pródigo a venceu? Porque foi por causa desta repugnância que ele se foi embora de casa, porque sentia que era apertado aquele lugar que podia determinar a vida em todos os seus factores. Aquilo que me surpreende é que o que venceu a repugnância não foi o lutar contra a repugnância, a vitória não foi o resultado de um caminho ascético. Ele não disse: «Agora já aprendi a mortificar-me mais, agora posso voltar para casa do meu pai». Isto não teria vencido a repugnância. Teria regressado um pouco mais treinado, mas com a mesma repugnância escondida. O que lhe permitiu vencer a repugnância ao ponto de querer regressar a casa foi o ter percebido a sua própria necessidade. E isto é o que, substancialmente, diz Giussani: nós sentimos esta repugnância (podemos senti-la também em alguns momentos durante o trabalho sobre este livro) porque perdemos a consciência do nosso drama e da nossa necessidade. E esta repugnância não se vence lutando contra a repugnância, mas sim dando-nos conta do que somos, de qual é a nossa necessidade. Porque quando uma pessoa percebe em que é que consiste a sua própria necessidade – como o filho pródigo –, então nem sequer se lembra dessa repugnância! Por isso, aquilo que aconteceu em Paris é, como tudo aquilo que o Mistério faz acontecer ou permite que aconteça, para o nosso amadurecimento. Muita gente sentiu um sentimento de impotência. E esta é a primeira coisa para a qual devemos olhar. Como é que um acontecimento destes nos pode fazer sentir desorientados na vida, quando a outros, como vimos, não acontece isso? Isto diz alguma coisa da experiência que cada um de nós está, a fazer. Temos aqui um acontecimento que envolveu toda a gente, que cada um de nós viveu. E cada um pode ver em si, objectivamente, como é que o viveu, não precisa que ninguém lho diga. É um teste simples para o seu próprio caminho. Porque diz qual é a natureza da questão que suscita a impotência ou a desorientação. Nós habitualmente pensamos que a desorientação é provocada por estes acontecimentos, que as coisas que acontecem são a causa da desorientação, mas não é assim. Não são os acontecimentos a causa da desorientação, mas são eles que metem em evidência o quanto estamos desorientados! Os acontecimentos não são capazes de gerar a fragilidade e a desorientação, a não ser em quem já é frágil ou está desorientado. E então basta qualquer coisa para o evidenciar. Por isso é importante olharmo-nos em acção, porque o nosso problema aqui não é fazer boa figura; interessa-nos perceber, interessa-nos fazer um caminho e ajuizar esse caminho. Muitas pessoas sentiram esta desorientação e muitas procuraram responder-vos. Cada um pôs em cima da mesa alguma tentativa de resposta: quem procurou mais informações, quem foi à manifestação em Paris, quem conversou com os outros. Cada um tem que verificar se a tentativa feita lhe tirou o medo e o fez sair da desorientação. Aqui não há histórias, a vida não faz descontos a ninguém, com ou sem manifesto do movimento! Porque muitas vezes o manifesto é aquilo com que cobrimos a nossa nudez: temos alguma coisa para distribuir aos outros e não temos que pensar sobre isso. Isto não quer dizer que não vai acontecer fazermos manifestos, como acontece em tantas ocasiões. O problema agora é que tentemos observar as nossas tentativas sobre esta desorientação; cada um olhe para si mesmo e ajuíze. A este propósito, impressionou-me um texto («Natal: o mistério da ternura de Deus», *Tracce*, nº12/2005, pp. 1-2), que me fez companhia no período do Natal, em que *don* Giussani diz que nós procuramos a nossa consistência naquilo que fazemos ou naquilo que temos.

Precisamente devido a esta nossa inconsistência, muitas vezes pensamos que devemos fazer alguma coisa e procuramos naquilo que queremos fazer a resposta para a nossa inconsistência. Então fazemos – e cada um pode identificar aquilo que fez -, mas isto não nos retira a inconsistência. Quantos regressaram a casa, depois da manifestação de Paris, menos amedrontados ou menos desorientados, independentemente do número de pessoas na praça? Por isso *don* Giussani insiste: se nós procuramos a nossa consistência «aquilo que fazemos ou aquilo que temos [...] a nossa vida nunca tem aquele sentimento, aquela experiência de certeza plena que a palavra paz indica [...] aquela certeza plena, aquela certeza e aquela plenitude sem a qual não há paz, e, portanto não há contentamento e não há alegria. No máximo, chegamos à complacência naquilo que fazemos ou à

complacência com nós mesmos e estes fragmentos de complacência com aquilo que fazemos ou aquilo que somos não nos trazem nenhum contentamento nem nenhuma alegria, nenhum sentido de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude». Quando não percebemos isto, continuamos a propor soluções que são exactamente aquelas que nos levam a esta desorientação. Mas ao mesmo tempo, enquanto há pessoas que estão desorientadas, muitos de nós não o estão. Porquê? Não porque sejam mais intelectuais ou mais informados. Um de nós dizia recentemente num dos nossos encontros: «Diante dos acontecimentos de Paris, o meu primeiro pensamento foi para a vida do movimento». Antes de qualquer outra consideração, o pensamento foi para a vida do movimento, para aquilo que vivemos; porque o que dá consistência é uma vida que apaixonava. Porquê? Porque a certeza não está naquilo que nós fazemos, continua *don* Giussani, mas sim em «numa coisa que nos aconteceu a nós. A nossa identidade, a consistência da nossa pessoa, a certeza do tempo coincide – literalmente “coincide” – com esta algo que nos aconteceu». Ou melhor, diz *don* Giussani citando Mounier: «*Aconteceu-nos Alguém*». Este é o juízo. Que não é fruto duma análise mais perspicaz, porque, como diz Chesterton, o problema dos sábios não é que não percebam a pergunta, é que não percebem o problema, não percebem o enigma, e por isso não são capazes de ver a resposta. *Don* Giussani insiste constantemente que sem uma educação para o sentido religioso, sem perceber o problema, nós não podemos perceber a resposta, como diziam alguns dos intervenientes esta noite. Temo-la à nossa frente, celebrámos o Natal! Mas não a captamos porque continuamos a pensar que é preciso fazer outra coisa, quase que podemos dizer que é uma posição mística. Para responder a acontecimentos como os que tiveram lugar em Paris – diz-se – seria precisa uma coisa completamente diferente... E devido a isso, tudo quanto dissemos nos Exercícios da Fraternidade (sobretudo na primeira lição), na Jornada de Início de Ano, na Página Um da *Tracce* de Maio e Dezembro, no artigo sobre o Natal publicado no *Corriere della Sera*, é como se não existisse! Depois dizemos que o movimento não ajuíza, que não temos um rosto cultural! Como dizia na última Escola de Comunidade, não basta repetir um discurso. Ao filho pródigo não bastava ter nascido numa família, ter um pai e uma casa, para perceber o alcance daquilo que tinha à sua frente, e teve que fazer todo um percurso para o descobrir. E se nós não fizermos este percurso, não o descobriremos, seremos como o irmão que fica em casa. Não é que tenhamos que nos ir embora, não, podemos até continuar no movimento. Mas se não fizermos um percurso, seremos como o irmão que ficou em casa e que ainda não percebeu. De onde esperamos a salvação? De uma reacção? De uma explicação? Ou de uma vida que encontrámos, feita de tudo aquilo que vivemos? Aqui vemos como nos encontramos novamente diante da relação entre a verdade e a liberdade, de que falamos em tantas ocasiões recentemente. Porque não há outro acesso à verdade daquilo que vivemos senão através da liberdade, como demonstra o filho pródigo. Também nós, cristãos, podemos pensar em responder, como ouvimos, com a mesma lógica violenta dos terroristas. Quantas vezes pensamos que é necessária uma reacção à “altura” porque, no fundo, o desígnio de Deus é muito pouco para mudar a realidade? Quem teria alguma vez acreditado, como dizíamos no Natal, que escolhendo um homem, Abraão, Deus pudesse mudar o mundo? Então, encontramos-nos perante uma escolha. É a escolha perante a qual se encontrou o povo de Israel: Barrabás ou Jesus. Barrabás não tanto como um malfeitor, como pensamos, reduzindo a sua figura, mas como aquele que lutava contra o opressor romano utilizando meios mais contundentes, segundo ele, mais eficazes. O método de Jesus era considerado muito pouco eficaz. Também Pedro, no Jardim das Oliveiras, pensava como Barrabás. Nós temos que decidir. Nem mesmo a nós, agora, é poupada a escolha entre Barrabás e Jesus. Porque a tentação é pensar que Cristo é muito pouco para nós. Mas quando nós vivemos a vida que nos foi dada e respondemos às necessidades – e fazemos caritativa, ou vamos aos Liceus –, quem nos encontra, qualquer que seja a sua origem religiosa, encontra alguma coisa que o leva a dizer (como dizia um rapaz muçulmano a um dos nossos amigos): «Não posso deixar de mudar de vida depois de ter visto uma coisa assim». Ou um outro que dizia, com um grande sentido de humor: «Eu agora sou mais muçulmano do que antes, mas o problema do Islão é que não tem uns Liceus, ou seja, não existe um lugar onde eu possa tornar-me mais eu mesmo». Esta sociabilização, quando acontece, é a vida de que fala o primeiro capítulo, a

vida da Igreja. A vida que nos fascinou a nós é aquilo que pode fascinar os outros. Porque nós, cristãos da Europa, temos um problema: não é que tenhamos que ir procurar os outros sabe-se lá onde, temo-los em casa, de todas as religiões. O problema é o que é que eles veem quando nos encontram.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira 25 de Fevereiro, às 21H30 e será sobre o segundo capítulo do *Porquê a Igreja*. Este capítulo tem como tema como alcançar a certeza sobre Cristo *Don Giussani* descreve as três atitudes culturais com as quais se pode encarar esta pergunta. Mas nós podemos reduzir estas atitudes culturais a uma descrição de etapas históricas da nossa cultura, mas *don Giussani* insiste que estas atitudes culturais podem ser as nossas agora. Por isso a pergunta com a qual vos convido a enfrentar este capítulo é: onde surpreendes estas atitudes em ti, seja de que tipo elas forem? Não interessa saber se estamos à altura ou não, mas onde descobrimos estas atitudes, para responder à pergunta: como alcançar a certeza sobre Cristo? Porque é inevitável que nós sucumbamos muitas vezes a estas atitudes, a alguma ou a todas em momentos diferentes da vida. Por isso apercebermo-nos delas, dar-mo-nos conta delas é o que nos consentirá dar um passo.

Vídeo e exposição pelos dez anos da morte de *don Giussani*. Muitos amigos do Movimento, sobretudo os jovens e muitas pessoas que encontrámos neste período, nunca conheceram, viram ou ouviram a pessoa de *don Giussani*. Por isso pensámos inicialmente fazer uma exposição que pudesse apresentar, em poucos cartazes os traços fundamentais de *don Giussani* com imagens e trechos significativos da sua vida. Mas depois, pensando nesta exposição, dizíamos: a quem, vendo-a, não teria vontade de o ouvir falar? Quem de nós não teria vontade de o conhecer? Quantos lendo a *Vida de don Giussani*, se lamentaram de não se terem cruzado com ele na vida! Então veio-nos à ideia de fazer um vídeo com excertos de *don Giussani*, precisamente para responder ao desejo de o conhecer que tantas das pessoas que temos encontrado, que se interessaram pelas apresentações do livro sobre a vida de *don Giussani* ou pelo vídeo dos sessenta anos («A estrada bela»), que suscitaram uma curiosidade sobre ele. Nesta celebração do décimo aniversário da sua morte respondemos dividindo com os outros aquilo nós recebemos, a graça que nós tivemos em conhecê-lo.

O **vídeo** com duração de cinquenta minutos, estará à venda no dia 22 de Fevereiro com o jornal *Corriere della Sera*.

A **exposição**, com o título *Dalla mia vita alla vostra* (Da minha vida á vossa, ndt), poderá ser descarregada gratuitamente em formato para impressão no site do CL, a partir de 26 de Janeiro de 2015. Está ao alcance de todos e podem depois ver nas diversas comunidade ou nos diversos lugares de trabalho, condomínios, etc, como poderão dividi-la com as pessoas que considerem. Por isso começamos já este décimo aniversário com esta tarefa, para continuar a dividir com toda gente aquilo vivemos e que, como vimos, foi acolhido muito além de qualquer previsão nossa. Imaginem o que poderá acontecer se o encontram a ele, ao seu rosto e à sua voz!

Fraternidade de Comunhão e Libertação. Aqueles que querem inscrever-se na Fraternidade e depois ir aos Exercícios espirituais recordo que devem apresentar o pedido até segunda-feira dia 26 de Janeiro.

Audiência 7 de Março. Para a participação na audiência do Papa a 7 de Março recordo-vos que é necessário inscrever-se até 12 de Fevereiro através da secretaria da própria comunidade. Entre os cânticos que faremos na audiência peço-vos que aprendam ou repassem em particular o Hino da Quaresma *Cantamos sempre ao renascer do dia* que cantaremos ali na praça e o canto argentino que queremos cantar ao Papa, *Zamba de mi esperanza*.

Livro do mês de Janeiro e Fevereiro. No site da *Tracce* podem encontrar um vídeo, com a entrevista ao Padre Francesco Braschi, de apresentação do livro do mês: *A conversão ao cristianismo nos primeiros séculos* de G. Bardy.

Banco Farmacêutico. Sábado 14 de Fevereiro terá lugar décima quinta Jornada Nacional de recolha de medicamentos em mais de três mil e cinquenta farmácias distribuídas em noventa e sete províncias.

Veni Sancte Spiritus